

Moratória

Governo fixa reservas em

ia

US\$ 6 bilhões

A partir desse limite,
haverá atraso
no pagamento
aos bancos credores

JOÃO BORGES

BRASÍLIA — O governo fixou em US\$ 6 bilhões o nível mínimo das reservas cambiais do País. A partir desse limite, começam os atrasos de pagamentos aos bancos credores, por intermédio de um comunicado formal do ministro da Fazenda, Maílson da Nóbrega, ao comitê de bancos. Essa decisão, tomada pessoalmente pelo presidente José Sarney, indica que os atrasos nos pagamentos poderão ocorrer antes de setembro, mês em que os vencimentos são de US\$ 3 bilhões.

Se a situação se encaminhar — mesmo não declarada formalmente — para a moratória que será inevitável sem um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Brasil vai utilizar como argumento para o atraso dos pagamentos o próprio estatuto do Fundo, que prevê a suspensão a fim de que os países possam proteger suas reservas cambiais.

Ontem, após a reunião do Conselho Monetário Nacional (CMN), Maílson reafirmou sua posição de que o País vai mesmo interromper os pagamentos de juros "para assegurar um nível adequado de reservas". No entanto, preferiu não dizer qual é esse nível e não quis comentar a hipótese de não haver acordo com o FMI: "Estamos trabalhando para isso", justificou.

A hipótese de moratória foi encarada com naturalidade pelo senador Roberto Campos (PDS-MT): "O ministro Maílson não adotará uma posição de confronto", disse. Nesse caso, os bancos credores protestariam, mas acabariam aceitando a atitude brasileira. Maílson disse que o retorno da missão do fundo a Washington, no fim de semana, foi inevitável, em função das pendências que ainda existem para fechar as projeções sobre o déficit público. É o caso,

por exemplo, da nova política salarial, que influenciará nos gastos do governo com pessoal, e o aumento das contribuições à Previdência. Se o Congresso derubar os vetos presidenciais, o déficit ficará muito acima dos 5% ou 6% inicialmente previstos.

EXPORTAÇÕES

A crise cambial poderá se agravar com a redução das exportações. O ministro da Fazenda resiste às pressões dos exportadores para desvalorizar o cruzeiro, mas há indicações de que as vendas externas estão caindo. No início da noite de terça-feira,

por exemplo, numa conversa por telefone com o ministro da Agricultura, Íris Rezende, Maílson repetiu a mesma frase diversas vezes para resistir à insistência de seu colega por reajuste do câmbio para os produtores de soja. "Só tem um jeito de você resolver isso, Íris, é eu sair do ministério."

Ontem à noite, em entrevista coletiva, Maílson disse, quanto ao câmbio, que jamais se deve tomar uma decisão sob o fogo das pressões. "Se for assim, teremos um câmbio para a soja, outro para a indústria automobilística, depois um específico para o Monza, outro para caminhão."